

sessões do MAGINÁRIO

VOL. 21 | N. 35 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Control, Pawel Kuczynski, 2016.

P. 2

Tendências do Cinema Brasileiro contemporâneo: modelos de produção e de representação

Miriam de Souza Rossini, Vanessa Kalindra Labre de Oliveira, Bibiana Nilsson e Guilherme Fumeo Almeida

P.12

Jogos Olímpicos de 2016: a celebração do "viver junto" nos filmes feitos para a candidatura do Rio de Janeiro

Paula Regina Puhl, Nelson Todt, Fábio Chelkanoff Thier e Vinicius Mano

P. 31

Pokémon, gotta catch them all: comunidade, jogo e memória

Camila Freitas e Mariana Amaro

Sobre telas dialógicas e subjetivadas: *uma releitura dos conceitos de Bakhtin e Foucault no contexto da produção colaborativa*

About dialogical and subjectified screens: a reinterpretation of Bakhtin's and Foucault's concepts in the context of audiovisual collaborative production

Jhonatan Alves Pereira Mata¹ 

Resumo

Este trabalho tem como objetivo delinear articulações entre práticas discursivas e linguagens midiáticas contemporâneas. Para a empreitada, tomamos como arcabouço teórico os estudos do chamado Círculo de Bakhtin e da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD), sobretudo os olhares de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault. Dissonâncias e recorrências conceituais serão destacadas, tendo-se por base o dialogismo, a formação discursiva e o enunciado aplicados na análise de dois quadros colaborativos veiculados em telejornais brasileiros: *Parceiro do RJ* (Rede Globo) e *Outro Olhar* (TV Brasil).

Palavras-chave

Comunicação; linguagem midiática; telejornalismo.

Abstract

This paper aims to outline linkages between discursive practices and contemporary media languages. To accomplish this, we take as theoretical framework the studies of the Circle of Bakhtin and the French Discourse Analysis School (AD), especially Mikhail Bakhtin's and Michel Foucault's perspectives. Dissonances and conceptual recurrences will be highlighted, based on: dialogism, discursive formation and enunciation, applied in the analysis of two collaborative segments broadcasted on Brazilian TV news: *Parceiro do*

Keywords

Communication; media language; TV journalism.

Embora as reflexões de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, “símbolos”, respectivamente, dos conceitos de formação e polifonia discursivas (e ressaltamos, por suas, os perigos desta expressão) não se concentrem especificamente nos elementos midiáticos, a riqueza filosófica que produziram, além da abrangência temática de seus estudos são aplicáveis a diversas áreas de conhecimento. Sem pretensões de comparar contextos sócio-políticos, nosso trabalho se alicerça no interesse dos dois pensadores pela linguagem, ambos sem sentimentos de posse, mas numa “vontade” de observar o que dela escapa. Numa problematização permanente e atual da temática, o discurso torna-se, na comunicação, lugar de enfrentamentos teórico-metodológicos. Lugar onde verdade e mentira são cada vez mais observadas pela Análise do Discurso (AD) como uma invenção historicamente constituída. De acordo com reflexões de Ana Paula Goulart Ribeiro sobre Bakhtin, o posicionamento deste em relação à verdade se assemelha, a nosso ver, ao de Foucault. Para Ribeiro, Bakhtin pode ser considerado o filósofo da liberdade, da diferença. Isto porque o estudioso

[...] atribuía importância central ao não finalizado, mas ao “vir-a-ser”, ao devir. Não acreditava numa verdade única e apostava no papel produtivo do paradoxo e do conflito. Mas, ao mesmo tempo, o pensamento bakhtiniano é anti-individualista e resgata alguns princípios básicos do humanismo, como a ideia de que o ser não se basta, de que ele necessita do Outro, sempre (Ribeiro, 2010).

Inicialmente esboçamos as principais características da AD e das reflexões variadas sobre o princípio dialógico em Bakhtin e de suas relações com a esfera

midiática. Mais adiante, finalizamos este trabalho apresentando um estudo discursivo cuja base consiste em refletir sobre a atuação e/ou incorporação do “não-jornalista” nos telejornais veiculados na TV Brasil e na Rede Globo de Televisão. Nos interessa observar a relação entre fluxos midiáticos e diálogos entre interlocutores e entre discursos (ou enunciados nas palavras de Bakhtin).

Na TV Pública, trazemos o quadro *Outro olhar*², que integra o telejornal *Repórter Brasil*, edição noturna, veiculado de segunda a sábado pela TV Brasil³. Da televisão comercial, temos o quadro *Parceiro do RJ*⁴ veiculado no telejornal RJTV (1ª. Edição). Em comum, as produções operam, basicamente, no sentido de colocar os populares nas funções de jornalista (repórter, pauteiro, cinegrafista, assistente de edição). Recorrendo aos celulares multimídias e outras câmeras – profissionais ou não – a população registra seu dia a dia, suas impressões sobre as cidades e também aquilo que se apresenta como extraordinário em seu cotidiano. Desse modo, instaura-se a modalidade de comunicação que denominamos como “recirculação midiática” - cuja metodologia de uma tese em produção com o mesmo título está ancorada em análises discursivas que tomam objeto e método como instâncias dialógicas.

Análise do discurso: raízes aéreas e flores híbridas

Nascida na década de sessenta, a análise do discurso surge da necessidade de se encarar a linguagem para além da comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem-discurso se ampara na interação, é um modo de produção social anti-neutralidade, lugar privilegiado para o conflito, para os confrontos ideológicos. Antes disso, observamos as postulações teóricas de Ferdinand de Saussure, com seu conhecido trabalho

linguístico no estabelecimento da dicotomia língua/fala e a valorização da primeira sobre a segunda. Na contramão desta exclusão da fala do campo linguístico, temos as análises de Bakhtin e sua “teoria do enunciado”, a qual vê a língua como algo concreto e fruto da manifestação individual de cada falante. À enunciação caberia, neste momento, um lugar privilegiado de elemento “vivo” e real da linguagem. A interação verbal ganha respaldo como elemento fundamental da língua – que, de sistema sincrônico abstrato passa a ser compreendida como signo dialético, dinâmico.

A importância do discurso surge a partir do momento em que se percebe o caráter complexo da linguagem excedendo a oposição língua-fala. Interessa, assim, outra esfera da linguagem, que abarca seu caráter simultaneamente formal e subjetivo – o discurso – intimamente relacionado às condições sócio históricas em que se estabelece. Nas palavras de Helena Brandão:

Se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E, aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva. Noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso (1998, p.35).

A constituição da análise do discurso enquanto disciplina tem nos trabalhos de Harris (*Discourse Analysis*, 1952) e de Roman Jakobson e Émile Benveniste, no campo da enunciação seu momento decisivo de constituição. Os estudos desses autores definirão, nessa ordem, as especificidades teóricas do que posteriormente foram denominadas linhas americana e europeia de

análise do discurso. Eni Orlandi apresenta na obra *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* (1986) as nuances que distinguirão estas duas maneiras diferentes de se pensar o discurso. A vertente americana vislumbra na teoria do discurso uma espécie de ramificação da Linguística, “vendo o texto de uma forma mais redutora, não se preocupando com as formas de instituição do sentido, mas com as formas de organização dos elementos que o constituem” (Orlandi apud Brandão, 1998, p.16).

A perspectiva europeia, por sua vez, vê na crise interna da própria Linguística a necessidade de se caracterizar o discurso como elemento de ruptura, como aquilo que vai além do linguístico. Reforçam-se, com essa tendência, as relações entre o dizer e as condições de produção desse dizer. Extrapolam-se os limites da Linguística na tentativa de dar conta de uma análise não imanente, conflituosa, exterior e complexa da linguagem. Articulado o linguístico com o social, a AD busca, num cenário estruturalista, recursos para “explicação do texto” em outras áreas de conhecimento, bem como auxílio do marxismo e da psicanálise. Inicialmente servindo de base ao estudo de discursos políticos, a AD se rende à polissemia e passa a ser utilizada em diversos campos de atuação, como acontece até hoje. Atual, aliás, como a utilização dos conceitos de discurso e ideologia, derivados, respectivamente, de Foucault e Louis Althusser e emprestados por Michel Pêcheux em seus trabalhos na escola francesa.

Concebendo todo discurso como uma dispersão, Foucault vê na análise do discurso um conjunto de aparatos que fornece “regras de formação” capazes de descrever e regularizar essa carência de unidade: objetos discursivos, tipos de enunciação, conceitos, temas e teorias. Cabe ressaltar que a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção isoladora de frase, ten-

do como característica extremamente importante para a AD a relação enunciado-sujeito. Interpretado aqui como instância não fundadora da linguagem, o sujeito dispõe de signos, marcas e textos, mas não origina o objeto pensado. A análise desloca-se das relações entre o autor e o que ele diz para a posição que este indivíduo ocupa (dentre várias possíveis no discurso) para ser sujeito, tomado como um espaço a ser preenchido. Nos são caros, ainda em Foucault, a ideia de jogo enunciativo, no qual há encadeamento de enunciados que se interpenetram e fogem da neutralidade e a distinção entre enunciação e enunciado. A primeira só depende da emissão de signos, enquanto o segundo jamais se repete, dependerá sempre do contexto de sua localização.

A existência da ideologia, embora numa relação imaginária, passa a ser encarada como material, visto que “as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos” (Brandão, 1998, p.23). Pêcheux é tributário de algumas conceituações de Althusser, sobretudo na defesa da “existência material” das ideologias. Com influências também da noção de formação discursiva foucaultiana, de Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, além de Jacques Lacan e as temáticas do inconsciente derivadas de Sigmund Freud, os estudos de Pêcheux norteiam diversas pesquisas em análise do discurso realizadas hoje no Brasil.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin defende a materialização da ideologia no signo, o que faz com que ele não seja neutro, mas uma “arena onde se desenvolve a luta de classes” (1999, p. 45). Essa luta gira em torno das verdades, dos sentidos, dos modos de ver o mundo, das avaliações, entre outros aspectos. Assim como o signo é constitutivo da realidade social (ele a

reflete e refrata), da mesma forma, a ideologia não pode ser vista como algo fora do funcionamento social.

Vem de Pêcheux a elaboração de Formação Discursiva (FD) concebida por Foucault, lugar privilegiado de articulação entre língua e discurso na AD. Luta ideológica fluida e instável a FD permite, de acordo com Brandão,

Dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”. Isso leva a constatar que uma FD não é “uma única linguagem para todos” ou “para cada um sua linguagem”, mas numa FD o que se tem é “várias linguagens em uma única” (1998, p.39).

Quer seja na versão marxista, onde a utilizamos sem, todavia, trazê-la aos níveis da consciência, quer produzida intencionalmente, como na publicidade, o papel da ideologia, aliada à análise do discurso e à formação discursiva, tornam-se concepções nucleares para o campo da Comunicação como um todo e em nossos estudos sobre Mídia e Mediações Socioculturais.

Comunicação, dialogismo e análise do discurso

Ao estabelecer um quadro onde lista os Modelos Teóricos para o Estudo das Comunicações, Venício Lima (2001, p.46) situa a Análise do Discurso no subgrupo “Linguagem”, juntamente com a semiologia e a semiótica. O autor explica que, no Brasil, esses estudos marcados pela proposta teórica do estruturalismo semiótico-linguístico de origem europeia, vêm ganhando força a partir dos anos 1970. A bibliografia utilizada, segundo Lima, muitas vezes se confunde com a de

cursos como teoria literária, letras e linguística, origem de muitos programas de pós-graduação em comunicação. A discussão central em torno do “sentido”, das múltiplas leituras possibilitadas por uma mesma mensagem e no processo de interação entre textos (dialogismo bakhtiniano), até então ausentes das teorias das comunicações justificam a pertinência destas propostas. A pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro, que juntamente com Igor Sacramento organiza a obra *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia* (2010), elucida que, em terras brasileiras, a obra de Bakhtin se tornou conhecida, sobretudo, através de seus tradutores e comentaristas europeus. Seus conceitos chegaram aqui no final dos anos 1970 e 1980, principalmente pela crítica literária, pela teoria da linguagem e pela Análise de Discurso de tradição francesa. Para Ribeiro

Bakhtin é o filósofo da comunicação por excelência. Para ele, o diálogo tem valor ontológico: nada existe que não seja na relação com o outro. Isso é pura comunicação. É a comunicação pensada como uma dimensão fundadora da existência. É a comunicação levada ao extremo, diria eu. Além disso, conceitos cunhados por Bakhtin - como polifonia, carnavalização, cronotopo - são extremamente ricos para a análise de produtos culturais variados (2010).

Campo solidamente em atividade no Brasil, a AD toma cada vez mais a mídia como objeto de investigação. O panorama inclui propostas complementares, que têm na produção social de sentidos a sua riqueza. Para Maria do Rosário Gregolin (2007, p.14), o que caracteriza essas abordagens é, “principalmente, o fato de os pesquisadores colocarem-se como tarefa a problematização permanente das suas bases epistemológicas”,

encarando o discurso como lugar de enfrentamento de teorias e de metodologias. A filosofia da linguagem de Bakhtin, desenvolvida no chamado Círculo de Bakhtin⁵, a nosso ver, oferta contribuição especial à análise do discurso em sua aplicação na comunicação. Especial não apenas como sinônimo de fortuita, mas também como nevrálgica, levando-se em conta a banalização dos conceitos bakhtinianos em artigos, dissertações e teses que tentam aplicá-los na análise dos mais variados objetos. A prática é crescente, na visão de Ribeiro e Sacramento, quando apontam que

Reproduzidos e instrumentalizados, esses conceitos tornaram-se autoexplicativos, já dados como prontos para o uso, sem a necessidade de reflexão crítica. Os abusos das noções de dialogismo e de polifonia são, sem dúvida, os mais evidentes resultados desse processo de apropriação, muitas vezes, impreciso e superficial. Não raro, quando há pesquisas com o objetivo de identificar “vozes de diálogo” em fenômenos linguístico-comunicacionais, já se pressupõe estar utilizando conceitos de polifonia e dialogismo. Certamente, não se trata apenas disso. Em geral, aspectos importantes desses conceitos, como a imiscibilidade e a equipolência entre vozes, bem como a orquestração delas, são esquecidos, e o que é ainda mais preocupante – subtrai-se daqueles fenômenos o social, o contextual, em favor de um novo aprisionamento ao texto – de um novo formalismo, portanto (2010, p. 12-13).

Nesse sentido, a ideia foucaultiana de “agenciamento discursivo”, que tenta, por meio do controle e distribuição do discurso criar uma ilusão de “unidade do sentido”, torna-se algo (paradoxalmente) eviden-

te numa espécie de “combo conceitual bakhtiniano”. O pesquisador Craig Brandist (2014) também defende a necessidade de contextualização dos pensamentos de Bakhtin, ao pontuar que sendo a mesma língua falada por dizeres distintos e sendo a linguagem dialógica por natureza, a aplicação de metodologias monológicas para assuntos humanos torna-se opressiva.

Para Brandist (2014), uma síntese responsável sobre as reflexões bakhtinianas não pode ser compreendida sem uma referência a sua estrutura. Esta é pausada na história dos temas e símbolos que se repetem ao longo da história dos gêneros narrativos, revelando a estrutura da interação discursiva.

Esta valorização da repetição de símbolos (e de silenciamento em Bakhtin) também é comum nos estudos de Foucault, atualmente empregados para se estudar a relação leitor/espectador/telespectador/consumidor – que agora também é “produtor”- dos produtos midiáticos. Mediação que permite a elaboração de formas simbólicas de representação do indivíduo com sua “realidade concreta”. Representações e narrativas dotadas de “materialidade repetível” (Foucault, 2004 p.121-122) e que oferecem uma “história do presente” dia após dia, por meio de textos verbais e não-verbais de jornais, revistas, internet e televisão. Por meio de resignificação de imagens e palavras enraizadas no passado, lembramos e esquecemos símbolos e representações, num constante movimento interpretativo e de sentidos. O que são as comunidades, as nações, senão discursos que transcendem territórios e etnias e dependem cada vez mais do espaço de convivência e da narrativa compartilhada possibilitados pelos MCM?

Nesta ótica em que os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos lançam-se em verdadeiras batalhas encabeçadas pela “vontade de

verdade". Foucault (1978) vê nesta movimentação uma "microfísica do poder". Basicamente, temos no campo social uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades, que, por dependerem da história, sofrem da instabilidade e da "permanente necessidade de modificação". Conceitos como verdade, neutralidade discursiva e objetividade tornam-se relatividades estabelecidas pelos jogos desses micropoderes, também no campo da comunicação.

É o que perceberemos em seguida, no nosso recorte sobre produção colaborativa no telejornalismo, onde a circulação e profusão de textos e imagens atuam, simultaneamente, como dispositivos de rotulagem e novos desvelamentos do corpo social. Para a tarefa, que consiste em aplicação breve e prévia da análise que será utilizada posteriormente na tese de doutoramento, utilizamos cinco pontos de aproximação entre os dois filósofos como base teórica para uma análise do discurso, elencados por Cristine Severo (2013): 1 - Apreensão do enunciado na singularidade do seu acontecimento/ 2 - Condições de existência do discurso/ 3 - Fixação dos limites do enunciado/ 4 - Correlações com outros enunciados e 5 - Exclusão de outras formas de enunciação.

Análise dos quadros *Outro olhar* e *Parceiro do RJ*

O quadro *Outro Olhar* é exibido pela EBC desde abril de 2008, data da estreia do próprio telenoticiário *Repórter Brasil*. Já o quadro *Parceiro do RJ* foi lançado em janeiro de 2011, no telejornal RJTV 1ª Edição. Até o mês de maio de 2014 (ano em que concentramos nossas análises de VTs) foram exibidos via TV e, posteriormente postados nos sites dos respectivos canais, cerca de 590 vídeos do quadro da TV pública e 300 vídeos do canal comercial. Para a consecução desta reflexão, de caráter qualitativo, recorreremos à análise de dez VTs

mais recentes de cada produção (exibidos via TV e disponibilizados nos sites no ano de 2014 (11/03 a 29/05 no *Outro Olhar* e 02/05 a 29/05 no *Parceiro RJ*). Foi ofertada especial atenção aos aspectos como "formatação" do vídeo, formas de fazer, enunciados, estilo da narrativa, recursos audiovisuais utilizados, função dos "personagens" na história contada⁶.

Significativo observarmos que cabe aos âncoras das emissoras a tarefa de "anunciar" as produções "independentes" nas "cabeças" de cada "matéria", como mostram o quadros e textos da chamadas abaixo, em que os atuais apresentadores Guilherme Menezes e Katiúscia Neri (EBC - fig.1) e Mariana Gross (Rede Globo - fig.2), no papel de "arautos"⁷, em estúdio, sentenciam ao telespectador/internauta o tema que será exibido, além de legitimar, de antemão, sua posição "socializa-

dora" na narrativa que será ofertada:

Brasília é conhecida pela arquitetura, tem prédios e pontes modernas que chamam a atenção de quem visita a cidade. Mas nos subterrâneos dessas obras de arte a vida é dura e muitas vezes inclui as drogas. É o que você vai ver no "*Outro Olhar*" de hoje. A direção é de Eron de Andrade (GUILHERME MENEZES E KATIUSCIA NERI-REPORTER BRASIL, 11/04/14).

Chegou a hora dos nossos parceiros. Hoje o Leonardo e o Luís Gustavo foram até o Bairro do Grajaú, pra mostrar que virou ali um depósito de carros velhos abandonados. Essas carcaças podem causar doenças. Veja só! (MARIANA GROSS, RJTV-29/05/14).

Em pesquisas anteriores⁸, foi possível perceber que, no telejornalismo (nacional e regional), repórteres, cinegrafistas e âncoras colocam-se na posição de proclamadores de boas (ou não tão boas) novas e as ofertam/negociam com seu público ao longo de cada matéria que "anunciam". E, nesses casos, como acontece na apresentação dos quadros analisados, a função de jornalista como fiscal ou mediador de determinada sociedade ("símbolo" repetido e cristalizado segundo concepções semelhantes de Foucault e Bakhtin) cede espaço para seu papel enquanto mantenedor da tessitura da trama. Aqui o jornalista-fiscal se silencia. E passa a ser – ou ao menos presume isso – um indivíduo aceito e autorizado pela comunidade ou audiência para coordenar e realizar a anúncio, contar a história, ser "o arauto dos fatos". Tal autorização pode ser relacionada com o ponto 2 elucidado por Severo – Condições de



Figura 1: Estúdio R. Brasil

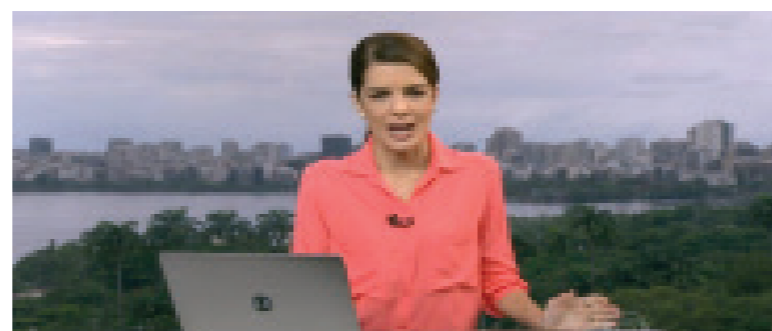


Figura 2: Estúdio RJTV

existência do discurso – que tanto em Bakhtin quanto em Foucault existem em função de uma certa conjuntura social/política/econômica. Para o primeiro, o discurso estaria ligado ao contexto extraverbal e à natureza prática e sob a perspectiva bakhtiniana ancorado nas relações dialógicas entre enunciados e sujeitos. Acreditamos que tais condições de existência do discurso reativam o “jornalista oficial” como legitimador da narrativa “amadora” que virá em sequência.

A utilização da vinheta também é típica e recorrente no telejornalismo atual, sobretudo se falamos em quadros específicos. No caso dos dois objetos analisados, cumpre salientar a semelhança entre as vinhetas de abertura dos quadros, pautadas num discurso de tecnologia e inovação, com a presença de “avatars”, que representam de maneira cibernética/futurista os repórteres – cidadãos – em contraponto



Figura 3: Vinheta *Parceiro do RJ*

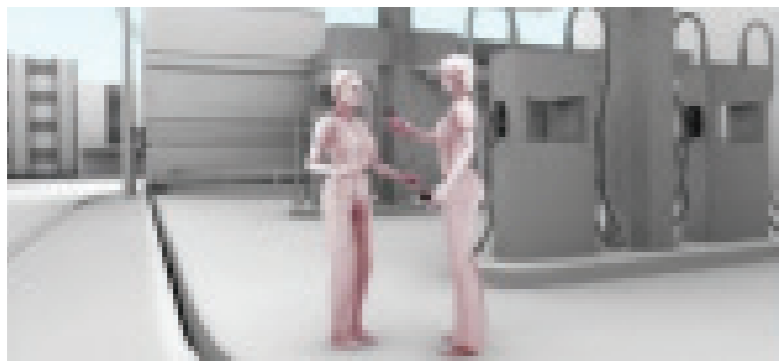


Figura 4: Vinheta *Outro Olhar*

com o caráter “orgânico” das produções (figuras 3 e 4).

As vinhetas analisadas configuram arranjos específicos de imagem e som em cada um dos programas. Nelas, imagens e sons em movimento estabelecem representações fílmicas pautadas na ausência de humanos e colocam em destaque a presença de câmeras e microfones. Nossa hipótese neste caso – e que aqui se destaca o caráter embrionário e ao mesmo tempo relevante do estudo das vinhetas dos quadros nesta “macropesquisa” que abarca a representação do cidadão comum na TV brasileira – parte do princípio de que a importância ofertada aos “avatars” atua no sentido de “envernizar” a linguagem “alternativa”, “não-profissional”, “amadora” dos vídeos que vêm em sequência. Como uma espécie de tentativa de demarcar (já que as vinhetas são elaboradas pelas emissoras e não pelos “amadores”) uma “ilha de domínio técnico” cercada por bricolagens e produções “artesaniais” por todos os lados. Aqui temos a aplicação da proposição 3 de Severo, que versa sobre a “Fixação dos limites do enunciado”. Neste ponto, ao aproximar o conceito de expressividade em Bakhtin e de jogo de relações de Foucault, a autora explica que

[...] o locutor estabelece uma relação de valor com a realidade concreta, o objeto de discurso, os outros participantes da comunicação discursiva e os enunciados já ditos e a serem ditos. A expressividade tem a ver com a ideia de estilo pessoal, pois uma vez que uma determinada construção é utilizada, em dada situação, por um falante que tem certa intenção, que seleciona determinado gênero e que possui um certo entendimento sobre seu destinatário (antecipando, inclusive, a sua compreensão responsiva), ela fica embebida de expressividade (Severo, 2013, p.12).

Para além das vinhetas, a relação entre a forma com que cada programa é narrado e as pautas desenvolvidas chamou a atenção em nossa análise. No quadro *Outro Olhar*, os assuntos têm Brasília como cenário principal, embora a abrangência das pautas tenha, na maioria dos casos, importância nacional – o marco da internet ou a situação dos moradores de rua são exemplos. Já o telejornal local da Globo, como o nome sentença, convida parceiros locais a contribuir com o conhecimento dos problemas da cidade. Tal “parceria” aumenta a capilaridade do programa levantando particularidades, de uma rua, de um quarteirão. Tais diferenças de “alcance” de pauta, entretanto, não significam a representação direta das macro/micro comunidades anunciadas nas pautas, conforme veremos adiante. Das histórias anunciadas em estúdio, em Brasília e na Zona Sul do Rio – em um estúdio panorâmico – e depois das vinhetas “tecnológicas” (produzidas pelas emissoras) – passamos para os assuntos tratados pelos repórteres-testemunhas: das 20 produções analisadas, em 60% de cada um dos dois quadros, o “mercado de problemas sociais” que domina o discurso do período em questão pauta-se, prioritariamente, em mazelas, sobretudo na infraestrutura urbana.

Os cidadãos comuns, embora de posse de microfones, câmeras e outros aparatos, nesses casos acabam por atribuir mais carga ao “fardo da representação” da população na TV, como sendo aquela que reclama, numa espécie de “naturalização da categoria”. Os Parceiros do RJ denunciam, por exemplo, problemas no Campo de São Cristóvão (27/05/14), a situação do Rio Cação Vermelho (05/05/14), uma casa que vira depósito de lixo na comunidade Nova Brasília, no Complexo do Alemão (27/05/14), ou cobram conclusão de obra em praça de Duque de Caxias (20/05/14). Já o *Outro*

Olhar mostra a vida de quem mora debaixo de pontes em Brasília (11/04/14), a situação de mulheres mulas (29/03/14), mostra que o brasileiro não sabe o que consome (14/03/14), e a questão carcerária indígena, que também é problema no Brasil (26/03/14). Instigante perceber, ainda, os jogos de poderes estampados nas expressões utilizadas nas chamadas das matérias. Enquanto os Parceiros do RJ “denunciam” e “cobram”, os integrantes do *Outro Olhar* “mostram”.

As produções veiculadas na TV Brasil e TV Globo abrem caminhos para uma discussão sobre o hibridismo entre categorias, gêneros e formatos em televisão. Se presenciamos, nas chamadas dos vídeos, o predomínio do formato pioneiro no gênero telejornal – o noticiário, com o apresentador lendo textos para a câmera e apresentado as reportagens externas realizadas –, o que vemos após esse momento é uma ruptura entre as semelhanças dos quadros (figuras 3 e 4). Os Parceiros do RJ continuam, mesmo que de forma “amadora”, adotando a postura “clássica” do repórter profissional, com entonação de voz, elaboração de passagens, *offs*, movimentos típicos de cinegrafia. A própria expressão “parceiro” sugere esta colaboração, trabalho em “co-autoria” com a emissora. E permite relacionarmos tal prática com o tópico 4 da pesquisa de Severo, que trata da “Correlação de um enunciado com outros enunciados”. Para Severo, Bakhtin e Foucault convergem suas reflexões quando apontam que todo discurso manifesto reside secretamente em um já dito. Em nosso caso, trata-se da narrativa audiovisual “já dita” pelos telejornalistas, supostamente silenciada numa produção colaborativa, para, em seguida, reaparecer nas “plurivozes dos comuns”.

É o caso da matéria de 28/05/14, cuja chamada é *Postes instalados durante obras do BRT Transcarioca em*

Madureira estão tortos. Nela, o *Parceiro do RJ* Luiz Souza exerce a função de repórter e é filmado pelo outro parceiro, Frances Ferreira. Após a chamada em estúdio, Luiz dá início à matéria com uma passagem em frente ao poste torto: “Olha, essa imagem pode estar um pouco estranha, mas quem está torto não sou eu não. É o poste!”. Em sequência, o repórter, em entrevistas, registra as reclamações dos moradores, receosos, em suas declarações, de que os postes caíam sobre eles. Finalizando a matéria, em estúdio, os apresentadores repassam ao telespectador a resposta da Secretaria de Obras sobre a questão.



Figura 5: frames da Matéria “Postes tortos em Madureira” (Parceiro RJ-28/05/14)

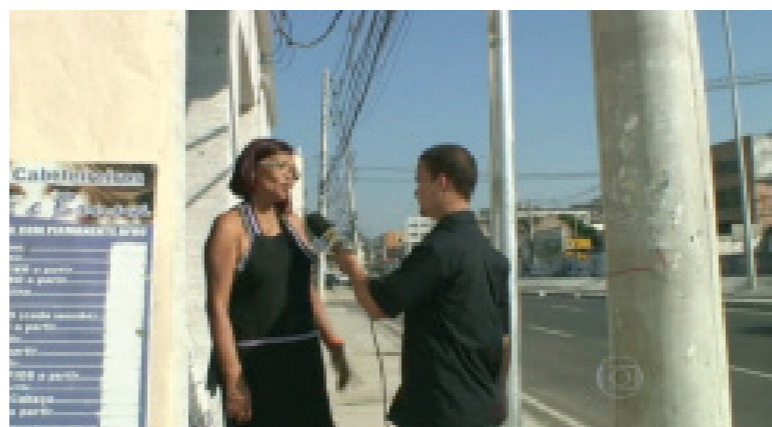


Figura 6: frames da Matéria “Postes tortos em Madureira” (Parceiro RJ-28/05/14)

Nas produções do *Outro Olhar*, a sequência de imagens e textos ora tateia pelo telejornalismo, ora se envereda por outras possibilidades discursivas e permite diálogo com o item 5 dos estudos de Severo – Exclusão de outras formas de enunciação. Os enunciados aqui, emprestando os estudos de Bakhtin, tornam-se viáveis pela impossibilidade de emergência de outros enunciados. Esse apagamento de certos enunciados, para Foucault, se vincula às regras que controlam o funcionamento dos discursos e que englobam os limites do que pode ou não ser dito (dominação dos poderes dos discursos), as formas de aparição e de circulação dos discursos e a seleção dos sujeitos que enunciam.

A produção “*Outro Olhar* mostra consequências da não aprovação do Marco Civil” (18/03/14) é exemplo deste mosaico de representações e silenciamento da “linguagem jornalística padrão”. Naor Elimelek e Gabriel Ranzani são convocados pelos âncoras em estúdio, que ressaltam que a dupla de cidadãos assina a direção do vídeo. Sem passagens, *offs* ou entrevistas com populares ou especialistas, o vídeo exibido no telejornal da TV Brasil apresenta nuances que o aproximam mais de um esquete de humor do que de uma reportagem telejornalística. O vídeo mostra (fig.5), por meio de um jogo dramático de encenação, os percalços de um jovem que tenta utilizar a internet e ouve, por telefone, absurdos da atendente da empresa, numa suposta situação futura em que o Marco Civil não estaria aprovado. A utilização de trilha sonora, os *closes* em objetos como torneira, fechadura da porta, acendedores do fogão contribuem para a ambientação da narrativa. Tomás, personagem fictício, deseja retomar seus serviços de internet, e recebe, por meio de uma ligação telefônica, informações de uma atendente fanha e “gerúndica”, que oferece serviços a preços absurdos ao “ator”. Ao fi-

nal da produção, um quadro adverte o telespectador que “sem a garantia da neutralidade da rede este diálogo pode ser real em pouco tempo” (fig.6).

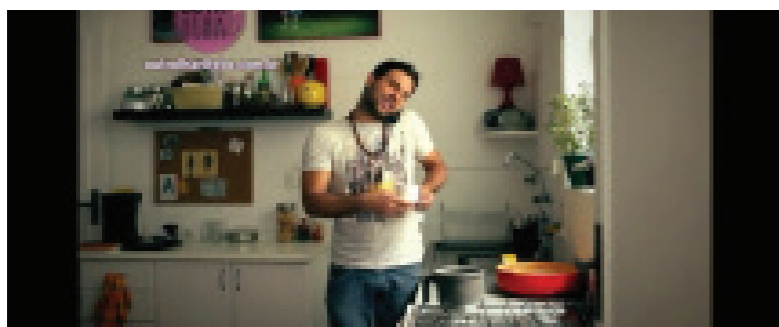


Figura 7

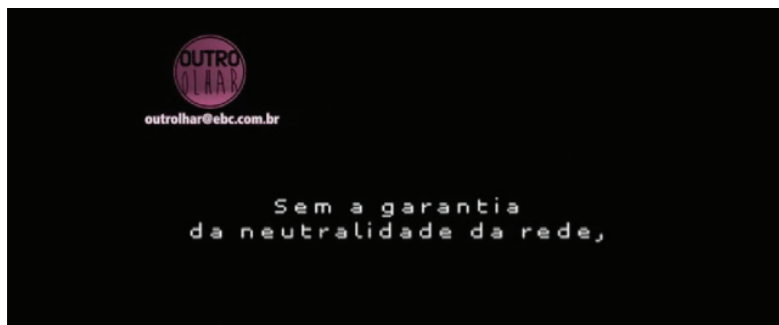


Figura 8

Além deste exemplo, as animações e exibições de *slide shows* com fotografias em outras produções fogem do formato noticiário e se aproximam, por exemplo, das inúmeras montagens “artesanalistas” que circulam pela internet, em que os usuários da rede criam suas “interpretações visuais alternativas” para canções, narrações e outros discursos, numa narrativa que se aproxima da “estética do videoclipe”, na qual imperam a bricolagem e o experimentalismo. É o caso da produção *Outro olhar* revela que brasileiro não sabe realmente o que consome (14/03/14), feita pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. Sem um repórter conduzindo a narrativa, após a chamada em estúdio, surge um

quadro com a pergunta “O que você acha que tem nessas bebidas?”. Em seguida, crianças oferecem respostas do tipo “Não faço a mínima ideia” e em seguida leem

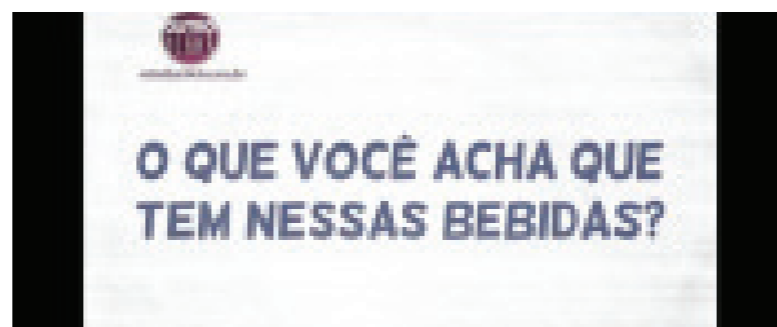


Figura 9

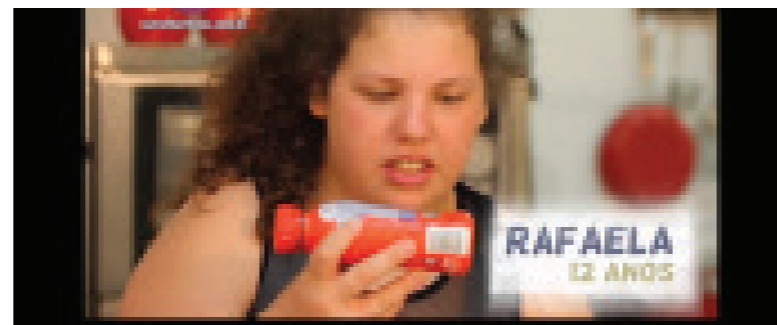


Figura 10

os rótulos de sucos, achocolatados e outras bebidas (figuras 9 e 10).

Quando incluímos em nosso título a expressão “telas dialógicas e objetivadas” tivemos como intuito analisar projeções discursivas de jornalistas, não jornalistas, parcerias fluidas e outros olhares sobre os “modos de fazer” televisão que acabam por demarcar diferenças (de formato, representação, enquadramentos, etc.) que estão longe de ser algo natural ou objetivo. Temos “representações em cascata”, narrações de narrações, identidades que não podem ser tratadas de maneira essencialista e sim como discursos que emergem e submergem, exigindo um cons-

tante exercício de reflexão. Nestas clivagens, que temas merecem problematização?

Por serem, em tese, espaços de experimentação onde a produção parece – ou ao menos é embalada (em sentido duplo) – por certa aura de “liberdade”, os vídeos colaborativos, no período analisado, mais do que respostas, nos ofertam sintomas sobre a participação popular no telejornalismo.

Que à população cabe um papel do reclamador típico nos telejornais não há novidade. Por outro lado, a representação deste reclamador, sobretudo nestes casos em que o mesmo atua como parceiro, colaborador, “semirrepórter” nos oferta indícios de mudanças. A vítima – tipo óbvio de reclamador, afetada por um problema e exigindo solução – não figura mais sozinha entre os reclamadores audiovisuais: vem acompanhada, nos quadros analisados, de reclamadores ativistas, motivados por uma ideologia, profissionais, grupos de pressão. Reclamadores especialistas – não mais ou apenas em determinada área científica, como medicina ou psicologia, mas especialistas em um determinado bairro ou região. A “apreensão do enunciado na singularidade do seu acontecimento” (tópico 1 da metodologia de Severo que aqui nos serviu de base) se faz presente, já que o traço de singularidade do enunciado não pode ser tomado como se o indivíduo fosse a fonte primeira do sentido. Com isso, nota-se que a singularidade do enunciado se vincula tanto à situação espaço-temporal quanto aos “sujeitos enunciadoreis” apontados por Bakhtin.

Desse modo, as múltiplas maneiras de fazer e as diversas leituras transformam os produtos midiáticos, em tom dialógico, de maneira a construir resistências às imposições exteriores, e fazer compreender que os

grupos sociais transformam aquilo que consomem. E por mais que pesem os fardos da representação e os filtros das emissoras, podemos perceber que a audiência na função de produtora de conteúdo - pode transformar sua autorrepresentação ou mesmo subvertê-la em benefício próprio.

Em consonância com a ideia de materialização do eterno devir – neste caso conceitual e analítico – terminamos este percurso tomando emprestada a reflexão de Francismar Formentão (2011, p. 13). Em seu texto, o pesquisador explica, a partir da obra *Filosofias (e Filosofia) em Bakhtin*, de Adail Sobral (2005), que os intelectuais do Círculo de Bakhtin, no conceito da unidade singularidade/generalidade propunham a análise de objetos de estudo mediante “procedimentos que contemplassem a identificação de relações (não dicotômicas) entre elementos dos objetos estudados”. (Sobral. In: Brait, 2005, p. 137). Os entrelaçamentos entre forma, conteúdo e material, estética, ética e cognição, resultado e processo são exemplos multipolares (ou apolares?) destas relações, expostas em nosso recorte. Cenário em que os “textos jornalísticos” (verbais e não verbais) tecidos por “não jornalistas” emergem com a exigência de metodologias equipadas com “sistema antibifurcação” para discursos não dicotômicos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise**

do discurso. 7 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BRANDIST, Craig. **Filosofia, história e cultura na obra de Mikhail Bakhtin**. Seminário apresentado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 26 a 29 de agosto de 2014.

FORMENTÃO, Francismar. **Mikhail Bakhtin: contribuições para a epistemologia da comunicação**. Trabalho apresentado ao ST11 – Epistemologia da Comunicação do CONFIBERCOM - 1º Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana e realizado de 3 a 6 de agosto de 2011. São Paulo, 2011

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 14 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, Escola Superior de Propaganda e Marketing. v.4, n. 11 (novembro 2007) - São Paulo: ESPM, 2007.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Uma nova reflexão sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin**. Entrevista concedida a Marcelo Dantas, UFRJ, 2010. Disponível em http://www.olharvirtual.ufrj.br/2010/imprimir.php?id_edicao=316&codigo=9

_____.; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SEVERO, Cristine Gorski **Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo**. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). *Série Bakhtin – Inclassificável. Volume 3 – Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SOBRAL, Adail. *Filosofias (e filosofia) em Bakhtin*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

Notas

- 1 Jornalista, Mestre em Comunicação (UFJF). Doutorando em Comunicação (Ecopós/UFRJ). Professor das Especializações em “Televisão, Cinema e Mídias Digitais” e “Jornalismo Multiplataforma”, da Faculdade de Comunicação da UFJF (Campus Universitário s/n, Martelos, Juiz de Fora - MG, Brasil, CEP: 36026-330). E-mail: jhonatanmata@yahoo.com.br
- 2 O quadro *Outro Olhar* é exibido pela EBC desde abril de 2008, data da estreia do próprio telenoticiário *Repórter Brasil*. Com cerca de 2 minutos, o quadro vai ao ar no telejornal *Repórter Brasil*, às 21 horas. Os vídeos são de produtores independentes, pontos de cultura, cooperativas, cidadãos não organizados, grupos e movimentos sociais.
- 3 A Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) surge em 2007. A favor da criação de uma televisão pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comprometeu-se com

sua implantação, ao editar a Medida Provisória 398, depois convertida pelo Congresso na Lei 11 652/2008. A EBC ficou encarregada de unificar e gerir, sob controle social, as emissoras federais de televisão e rádio já existentes, instituindo o Sistema Público de Comunicação, também com a criação da Agência Brasil.

4 No site g1.globo.com, o quadro *Parceiro do RJ*, lançado em janeiro de 2011 no RJTV, é descrito da seguinte maneira: “Em comum, os integrantes querem mostrar não só as mazelas, mas as coisas boas dos bairros onde moram, no Rio de Janeiro. Mais de 2.200 pessoas se inscreveram no projeto. Destes, 16 jovens escolhidos vão mostrar o cotidiano de locais como Rocinha, Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, dentre outros.

5 Sobre o que se denomina, atualmente, de Círculo de Bakhtin, Gabriela Persio Herrmann (2011) considera um conjunto de textos resultantes de encontros de pesquisadores, no início do século XX. Para a autora, este círculo engloba de um grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo. As obras expoentes que tematizam questões sobre linguagem são assinadas por Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Valentin N. Volochinov. Julgamos pertinente mencionar o Círculo, para além de seu expoente maior, Mikhail Bakhtin, como forma de reconhecimento do dialogismo e mesmo dos atravessamentos discursivos entre o pesquisador e seu grupo.

6 Julgamos importante relatar ainda que, embora nosso recorte seja contemporâneo, diversas edições anteriores foram observadas em pesquisas e artigos já publicados, no intuito de se agrupar possíveis modifi-

cações nos quadros ao longo destes anos, bem como minimizar possíveis impressões “ocasionais”, exclusivas do ano privilegiado em recorte.

7 O arauto (do francês antigo: *heralt*) pode ser compreendido como o mensageiro oficial na Idade Média, uma pré-forma do diplomata. O arauto fazia as proclamações solenes, verificava títulos de nobreza, transmitia mensagens, anunciava a guerra e proclamava a paz.

8 Para aprofundamento nas questões referentes à inserção de personagens no telejornalismo, consultar as obras *Dramaturgia do telejornalismo brasileiro* (COUTINHO, 2012) e *Um telejornal para chamar de seu: identidade, inserção e representação popular no telejornalismo local* (MATA, 2013).